



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

**RELATÓRIO FINAL**

<b>EDIÇÃO: PIBIC/PAIC 2022/2023</b>	
<b>RECURSOS HUMANOS</b>	
Nome do(a) orientador(a): <b>Elizandra de Lima Silva Bastos</b>	
Nome do(a) aluno(a): <b>Juliane Moraes de Menezes</b>	Bolsa: ( ) CNPQ ( <b>X</b> ) UFAM ( ) FAPEAM ( ) VOLUNTÁRIO
<b>IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO</b>	
<b>Título: Representações de professores de língua portuguesa não bilíngues para alunos surdos: um estudo de caso em escolas públicas de Manaus</b>	<b>Código do Projeto: PIB-LLA/0073/2022</b>
<b>Área de Conhecimento:</b> ( ) Exatas e da Terra ( ) Agrárias ( ) Biológicas ( ) Sociais Aplicadas ( ) Engenharias ( ) Saúde ( ) Ciências Humanas ( <b>X</b> ) Linguística, Letras e Artes ( ) Multidisciplinar	
<b>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM HUMANOS (CEP) OU ANIMAIS (CEUA)</b>	
( ) Aprovado - Número do protocolo: ( ) Não se aplica Caso o projeto ainda não esteja aprovado, justifique: <b>O projeto está com a submissão em andamento.</b>	

**RESUMO**

Na contemporaneidade é evidente que existe uma necessidade de ter mais visibilidade e acesso nas escolas públicas para alunos surdos, e o professor de português é de forma efetiva aquele que traz conhecimentos específicos da língua portuguesa do Brasil, que todos têm direito a ter acesso seja como primeira ou segunda língua como é para os surdos. No entanto, para um aluno surdo a realidade é diferente, dificilmente encontra-se um aluno surdo em classe de escola pública, isso porque é nítido que não há acesso igual entre ouvintes e surdos. Deste modo, o objetivo desta pesquisa é analisar os posicionamentos dos professores não bilíngues e bilíngues de português da rede pública. A pesquisa justifica-se, pois ainda há muito para se avançar e desbravar na educação surda que ainda é marginalizada por ter uma condição linguística diferente (ROCHA, et al, 2016). Nesta pesquisa usou-se procedimentos de interpretação de dados, por se tratar de um estudo de caso de teor qualitativo. Os resultados mostraram que tanto o professor bilíngue quanto o não bilíngue passam por dificuldades semelhantes com os alunos surdos, e isso se relaciona diretamente com a formação que tiveram durante a graduação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escolas públicas; Alunos surdos; Professores; Formação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

## 1. INTRODUÇÃO

A legislação brasileira assegura a educação a todos os brasileiros, conforme a Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), no entanto, quando se trata da educação dos alunos surdos, vemos reflexos que infelizmente não podemos considerar positivos. Começando pela matrícula escolar, que segundo a pesquisa de (ROCHA, et al, 2016) sobre o panorama da educação de surdos e deficientes auditivos no Brasil, referente ao ensino básico na região norte do país, mostram um percentual de 0,16 de matrículas, dentre os estados que se destacam na média nacional (0,14), é Macapá e Tocantins com 0,22%, e apesar de um percentual menor os autores pontuam o Amazonas com 0,12. Sendo assim, o percurso de dificuldades de um aluno surdo na educação se inicia no ato de matrícula, onde o desfalque é grande e os pais que muitas vezes são ouvintes e de renda baixa desconhecem os direitos que seus filhos possuem, pois o Art. 22 do Decreto nº 5.626, garante que é dever das instituições federais a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva a educação básica, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental; II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005)

Deste modo, os processos formativos para o desenvolvimento contínuo e eficaz de um aluno surdo são negligenciados tanto no ensino do português como segunda língua quanto Libras como primeira língua. Um dos fatores que gera tais condições podem ser considerado a formação do professor de língua portuguesa que atenderá este aluno surdo, porque durante sua formação tem acesso apenas ao conhecimento básico da língua de sinais, pela disciplina de Libras que foi inserida como obrigatória atendendo ao disposto no Decreto 5.626, o Art. 3º:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

Libras como disciplina obrigatória foi um avanço para educação de surdos, porque trouxe visibilidade para uma parcela da população que já usava sua língua, mas necessitava de uma acessibilidade linguística também dentro do ambiente escolar, com professores que tivessem no mínimo o conhecimento básico da Libras para interagir e auxiliar no desenvolvimento linguístico do aluno surdos em todos os níveis de educação. Para que isto ocorra, é necessário que haja o aprendizado da língua portuguesa dentro de uma realidade bilíngue, manifestada na modalidade escrita. (STUMPF; SOFIATO; DALLAN, 2016), porém podemos dizer que de fato isso ocorre? E que esse perfil de professor se atinge por meio desta disciplina obrigatória na grade curricular do curso de licenciatura? Rech e Sell apontam um possível caminho para a resposta às essas questões na pesquisa intitulada “Formação do professor para a educação de surdos: o que a legislação prevê e o que as universidades oferecem”:

[...] que para uma formação consistente para o trabalho docente com sujeitos surdos seria necessário não só uma formação acadêmica que discutisse de maneira aprofundada diferentes questões relacionadas à educação de surdos e que formasse indivíduos linguisticamente habilitados para Libras. (2016, p. 107)

Deste modo, conforme assevera a lei, a Libras não pode substituir a modalidade escrita da língua portuguesa (BRASIL, 2002), por isso, se torna significativo e indispensável um ensino interativo da língua, seguindo as necessidades que os alunos surdos precisam para um bom desempenho na modalidade que o insere na sociedade majoritária de ouvintes, ou seja a escrita, mas infelizmente como ressalta Witkoski e Douettes (2014) existe uma discrepância entre materiais didáticos e paradidáticos para surdo e ouvinte, que dificulta para o professor oferecer de uma aula mais produtiva e interativa, prejudicando assim os alunos surdos.

O objeto de estudo desta pesquisa, concentra-se no professor de Língua Portuguesa de escola pública que não é fluente em Libras e quais suas representações em relação a receber um aluno surdo.

Em razão disso, a presente pesquisa se justifica, por buscar contribuir e cooperar de forma construtiva não apenas aos acadêmicos em formação ou formados em Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Portuguesa ou de Letras – Libras, mas para todos que cursam licenciatura, além, daqueles que exploram informações sobre: educação surda, língua materna, professor e escola pública. Sendo assim, percebe-se uma necessidade de mais pesquisas acerca desta temática, e este trabalho tem a finalidade de despertar interesse e ajudar com respostas dos próprios profissionais já inseridos na área da educação, pois, “pesquisa é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa” (ABREU apud GATTI, 2008, p. 74).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Geral**

Investigar as representações dos professores de Língua Portuguesa não bilíngues de escolas públicas de Manaus (inclusivas e ainda não inclusivas) quanto a receber alunos surdos.

### **2.2. Específicos**

- Identificar as representações dos professores de Língua Portuguesa não bilíngues de escolas públicas de Manaus (inclusivas e ainda não inclusivas) quanto a receber alunos surdos.
- Analisar as representações dos professores de língua portuguesa não bilíngues de escolas públicas de Manaus quanto a receber alunos surdos.
- Comparar as representações de professores que atuam em escolas inclusivas e professores que atuam em escolas que ainda não receberam alunos surdos.

## **3. METODOLOGIA**

Neste tópico é apresentado o processo metodológico a ser utilizado no desenvolvimento deste projeto, bem como o contexto desta pesquisa, os participantes, os instrumentos de geração de dados e os procedimentos de análise dos dados. Em relação à escolha da abordagem da pesquisa, este trabalho se encontra na pesquisa qualitativa (CELANI, 2005), também chamada por André (1995) de pesquisa “naturalística”, uma vez que se observa o fato em seu meio natural.

Conforme Stake (2015), são quatro os aspectos que caracterizam a pesquisa qualitativa sendo válidos também para o estudo de caso qualitativo. De acordo com o autor, os estudos de caso são: holísticos, em que é levada em consideração a relação entre fenômeno e seu contexto; empíricos, quando o estudo é baseado na pesquisa em campo; interpretativos, em que se leva em conta a intenção do pesquisador e a relação entre pesquisador e objeto; por fim, o caso pode ser enfático, caracterizado pela concentração no significado. Este estudo, por sua vez, é interpretativo, pois a relação entre pesquisador e objeto da pesquisa será estabelecida por meio do estudo de caso.

Conforme afirma Godoy (1995, p. 25), o estudo de caso “[...] se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular”. Encontro apoio em Stake (1998) quando afirma que o estudo de caso é um meio muito utilizado no campo da Linguística Aplicada e em Johnson (1992) que o estudo de caso é uma metodologia flexível que pode ser realizada por períodos breves ou longitudinais. De acordo com a autora, o estudo de caso é definido a partir da unidade de análise (JOHNSON, 1992). Sobre os benefícios do estudo de caso na pesquisa acadêmica, Ventura (2007, p. 386) acentua que:

[...] as vantagens dos estudos de caso: estimulam novas descobertas, em função da flexibilidade do seu planejamento; enfatizam a multiplicidade de dimensões de um problema, focalizando-o como um todo e apresentam simplicidade nos procedimentos, além de permitir uma análise em profundidade dos processos e das relações entre eles.

Segundo a autora, o estudo de caso tem como característica o minucioso planejamento, e, ainda, as variadas expansões do tema pesquisado. Visto isso, o pesquisador tem a possibilidade de ter diferentes perspectivas em um estudo.

Sendo assim, esta pesquisa terá como contexto três escolas públicas estaduais, divididas da seguinte forma: uma que já recebe alunos surdos há alguns anos e duas que ainda não receberam estudantes surdos. Essa escolha se justifica por duas razões: a primeira porque a maioria dos alunos surdos de Manaus estão matriculados em escolas públicas estaduais, e a segunda, porque não são todas as escolas que têm em seu alunado os estudantes surdos.

A primeira etapa em campo, foi convidar dois professores de cada uma das três escolas selecionadas, que atuassem ministrando aulas de língua portuguesa para participar voluntariamente da pesquisa. Como instrumentos de pesquisa serão utilizados: Questionários de Perfil e Investigativo, com perguntas abertas e fechadas, baseados em Monteiro (2009; 2014). De acordo com Gil (2008, p. 121), o questionário pode ser definido como:

A técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Foi realizado na segunda etapa em campo, entrevistas com os participantes da pesquisa, seguindo um roteiro desenvolvido com base também em Monteiro (2009; 2014). Para Gil (2008, p. 109), a entrevista é uma técnica de obtenção de dados que interessam à investigação, em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas. O autor acrescenta ainda, que a entrevista é uma “[...] forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (GIL, 2008, p. 109).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

Sobre os procedimentos de interpretação de dados, a análise será fundamentada em Bardin (2016) que apresenta a análise de conteúdo organizada em três etapas, a saber, 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2016, p. 125). Assim sendo, as informações provenientes dos questionários e das entrevistas serão analisadas e interpretadas por meio da análise de conteúdo à luz de Bardin (2016).

É importante salientar, que antes do contato com os participantes, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, no qual está em processo de aprovação.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

##### **4.1. Análises dos dados obtidos pelo Questionário de Perfil**

Como forma de compreender o percurso profissional dos professores participantes, as perguntas de perfis foram voltadas principalmente à formação acadêmica. Os 6 professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Participaram do questionário, 4 professores não bilíngues e 2 bilíngues. Os 4 primeiros professores a responder o questionário de perfil, foram de escolas públicas não bilíngues, e os dois últimos professores da escola pública bilíngue, respectivamente: Escola Estadual Professor Jorge Karam Neto (JKN); Escola Estadual Roderick Castello Branco (RCB) e Escola Estadual Augusto Carneiro dos Santos (ACS), todos localizados na cidade de Manaus-AM.

O questionário tinha 10 perguntas abertas e fechadas. As três primeiras perguntas foram informações pessoais de nome, idade e telefone. A média de idade dos professores participantes da pesquisa foi entre 28 a 56 anos. Seguem as perguntas e respostas que os professores responderam a partir da pergunta número 4.

Pergunta 4: “Sobre a sua formação básica, assinale a opção que corresponde a sua realidade [...]”. 5 professores assinalaram “Cursei o ensino fundamental e médio somente em instituições públicas”; exceto uma professora que marcou “Cursei o ensino fundamental privado e o médio público”.

Pergunta 5: “Em que instituição superior se formou em licenciado (a) em Letras – Língua e Literatura Portuguesa?”. Nessa a resposta foi 4 professores responderam que cursaram sua graduação na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, 2 professores responderam que



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

cursaram em universidades particulares, sendo elas: Universidade Nilton Lins e Universidade do Norte.

Pergunta 6: “Cursou pós-graduação: SIM ( ) NÃO ( ) No caso de resposta afirmativa, qual pós-graduação?”. 5 dos professores marcaram que sim e apenas 1 marcou que não tinha feito pós-graduação. E nenhum dos professores que fizeram pós-graduação, foi voltado ao Atendimento Educacional Especializado - AEE, afinal, é na formação continuada que o professor poderia se aprofundar em caminhos mais específicos, para atender não apenas alunos surdos, que é foco desta pesquisa, mas dar suporte para qualquer outro aluno com necessidade especial.

Pergunta 7: “Há quanto tempo você é professor de Português (a)?”. O tempo de atuação dos professores de português participantes foi entre 1 ano e meio a 24 anos lecionando para estudantes do ensino básico.

Pergunta do 8: “Teve disciplina de Libras em sua formação como professor (a)? SIM ( ) NÃO ( )”. Nessa pergunta 3 professores assinalaram que tiveram sim Libras em sua formação, porém os outros 3 professores disseram que não tiveram a disciplina Libras na graduação. Os professores no qual a resposta foi negativa, se explica pelo tempo no qual se formaram, na pergunta 7 foi observado o tempo de atuação dos docentes, os que tem mais de 13 anos de carreira responderam “não”, pois foi obrigatório inserir na grade curricular dos cursos de licenciatura a partir do Decreto 5.626 de 2005, mencionado na introdução desta pesquisa.

Pergunta 9: “Fez algum curso de Libras (fora a disciplina na graduação)? SIM ( ) NÃO ( )”. Apenas os professores da Escola bilíngue ACS responderam que “sim”, os demais professores a resposta foi “não”. Sendo assim, percebe-se uma questão para reflexão, uma vez que os professores não tiveram disciplina de Libras em sua primeira formação, não há uma base nas questões linguísticas da Libras. E isso sem dúvida, afeta em possíveis escolhas do professor ao ministrar as aulas. Uma possibilidade a esses professores seria fazer um curso de Libras e conhecer a língua, que segundo Massan e Gomes (2016) ainda é uma língua “desconhecida” e que acaba de alguma forma confrontando-se com o português. E isso pode causar um sentimento de dificuldade que não deveria existir com tanta força nos docentes.

Pergunta 10: “Sente-se preparado como professor (a) de português para receber um aluno surdo? SIM ( ) NÃO ( )”. Mais uma vez somente os professores da Escola bilíngue ACS marcaram que “sim”. Desta forma, os demais docentes não se sentem preparados porque não tiveram a disciplina e nem posteriormente fizeram um curso de Libras. Tirando os professores da escola bilíngue e os que não tiveram disciplina de Libras durante a graduação



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

sobra apenas um professor (a) que teve a disciplina de Libras na graduação, mas que também marcou que não se sente preparando, confirmando as falas de Rech e Sell (2016), pois para uma melhor formação acadêmica e êxito na disciplina de Libras teria necessário que fosse proporcionado ao professor em formação o contato com os alunos surdos em ambiente escolar. Isso faria com que o professor de português majoritariamente ouvintes entendesse a realidade dos alunos surdos e não apenas a teoria que é passada em aula e logo após muitas vezes esquecidas, resultado em um total despreparo do docente quando se refere ao ensino de alunos surdos.

#### **4.2. Transcrições das entrevistas**

Neste segundo momento da pesquisa, foram feitas entrevistas com todos os professores participantes, cada docente recebeu três perguntas. Não foi possível universalizar as perguntas, pois cada professor no questionário de perfil respondeu dentro de sua realidade, assim, o questionário foi base para formular as perguntas da entrevista. As respostas transcritas foram gravadas em um aplicativo de áudio disponível no sistema IOS de celular móvel. Para designar os professores nas respostas constará a ordem: professor 1, professor 2 e assim sucessivamente, retomo que 6 professores participaram da pesquisa.

Na Escola não bilíngue JKN, as três perguntas foram as mesmas para os dois professores. Questão 1: “Marcou que não teve disciplina de Libras em sua formação, sobre isso, como você se sente, como professor de português? Comente.” Respostas:

Professor 1: “No tempo da formação não tinha essa disciplina, depois que eu comecei a trabalhar na área da educação, nós tivemos algumas formações, mas infelizmente essas formações não suprem as necessidades e a na sala de aula você vai se adaptando, infelizmente é o nosso dia a dia que vai fazendo você melhorar, você vai buscar mecanismos para melhorar no seu dia a dia, infelizmente é assim na educação pública, há 4 anos não existe mais formação, antes da pandemia não teve depois da pandemia também não houve, mas a gente vai ajustando na sala de aula.”

Professor 2: “Então, na época eu não sentia essa necessidade, mas como os tempos atuais com a inclusão nas escolas, se faz a necessidade de pelo menos ter o básico de como se comunicar com esses alunos.”

Questão 2: “O fato de não ter tido a disciplina Libras em sua formação inicial teve influência em suas escolhas por não ter feito cursos de Libras na sua formação continuada? Comente.” Respostas:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

Professor 1: “Sim, infelizmente, às vezes você fica pensando “cara, e se eu tivesse feito isso, né?”, como não houve na minha época de universidade, mas quando fiz especialização eu lembro que aí já tive uma disciplina, e isso abriu outros horizontes para buscar mais informações, hoje é mais prático, porque já existem em 100% dos cursos Libras, antes não, mudanças que são necessárias para gente ir se adaptando.”

Professor 2: “Não, não teve influência nas minhas escolhas como profissional hoje, porque eu escolhi a Língua Portuguesa e queria muito trabalhar com a Língua Portuguesa, e hoje já exerço essa função desde de 2006 e gosto de trabalhar essa disciplina, mas é importante também a gente conhecer pelo menos ter essa noção de Libras, que devido a inclusão é necessário ter esse conhecimento básico pelo menos, e se possível uma formação continuada para aprofundar esse conhecimento para que a gente possa saber lidar com alunos nessas situações.”

Questão 3: “Marcou que não se sente preparado(a) para receber alunos surdos, mas se tivesse um intérprete de Libras em sala, sua resposta continuaria sendo NÃO? Comente.”

Respostas:

Professor 1: “Ah, aí facilitaria muito o trabalho. Hoje temos muitos alunos autistas, aqui mesmo na escola mesmo temos muitos, e não fui preparado para trabalhar com aluno autista, e hoje o governo disponibiliza ainda que não supra as necessidades, mas já existem professores que vem dá apoio e isso facilita muito nosso trabalho, logicamente se tivesse apoio com os alunos surdos iria facilitar muito nossa vida, sem sombra de dúvida.”

Professor 2: “Realmente não me sinto preparada para receber um aluno sendo surdo, porque eu não iria saber como lidar com ele, que caso estou vivenciando agora com aluno EJA, é os colegas que dão esse apoio pra ele, que conhecem ele, ele consegue ouvir porque o problema maior dele não a audição, mas é a fala, ele não fala de jeito nenhum, mas ele consegue ouvir, não ouve 100%, mas consegue ter uma boa audição, e isso me ajuda, mas eu não sei de jeito nenhum usar sinais de Libras de comunicação com ele, ele sabe usar muito bem, alguns colegas sabem falar com ele dessa forma, mas se tivesse um intérprete na sala com certeza poderia mandar vários para sala dessa forma, não teria problema algum em trabalhar com esses meninos porque eu teria alguém que me daria essa orientação esse apoio de trabalhar com esses alunos porque o foco mesmo seria eles ouvirem, que eles são capazes de entender muito bem,



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

o problema mesmo seria ouvir e esse intérprete seria o meu apoio principal ali e eu trabalharia normalmente com eles.”

Na Escola não bilíngue RCB, as duas primeiras perguntas foram distintas para cada professor, e a terceira igual para ambos. Questão 1: “Marcou que não teve disciplina de Libras em sua formação, sobre isso, como você se sente, como professor de português? Comente.”

Resposta:

Professor 3: “Não tive em sala essa cobrança, sempre tem alguém, porque o aluno é desviado para outra escola que tem esses cursos, não me sinto ainda responsável ou preocupada nessa situação, mas seria bom se tivesse um curso, se a escola e o governo oferecesse para nós um curso de Libras na própria escola porque vai chegar o momento que nós vamos ter clientela que vai nos obrigar a entender Libras”.

Questão 1: “Marcou que teve disciplina de Libras em sua formação, sobre isso, como se sente com os conhecimentos que adquiriu durante a disciplina? Comente.” Resposta:

Professor 4: “Bom, durante a graduação a gente teve uma única disciplina obrigatória, e o que aprendemos foram elementos básicos, não iriam ser suficientes para ser desenvolvido na prática, tanto é que hoje tenho um aluno na sala que é surdo, e isso me frustra muito, porque enquanto eu estou falando ele só me olha, e aí a gente não dispõe de um tradutor, se a gente parar para pensar, eu me formei em 2018 e estamos em 2023 e eu já não lembro mais, nem dos elementos básicos de alfabeto em Libras, saudações e isso é bem complicado, então, eu acho que não houve de fato uma agregação dos meus conhecimentos, porque foi bem superficial mesmo só para garantir que você saiu da graduação com uma disciplina em Libras, mas que não seria o suficiente para me capacitar para atuar em sala, é bem triste isso.”

Questão 2: “O fato de não ter tido a disciplina Libras em sua formação inicial teve influência em suas escolhas por não ter feito cursos de Libras na sua formação continuada? Comente.” Resposta:

Professor 3: “Não, não teve não. Até agora não está influenciando em nada na minha vida, eu não tive essa necessidade em sala de aula.”

Questão 2: “Em sua opinião o fato de não ter feito nenhum curso de Libras ao término da faculdade tem relação com falta de incentivo por meio da instituição onde se formou? Comente.” Resposta:

Professor 4: “Eu acho que qualquer licenciatura demanda essa disciplina por isso ela é obrigatória na grade curricular das instituições, mas como eu falei anteriormente ela acabou não



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

sendo suficiente, eu acho que a graduação deveria fomentar mais disciplinas não somente uma na grade para formar e capacitar o profissional, porque acho que de fato desrespeito muito dessa falta de incentivo, porque ninguém procura um curso fora ou outros procuram e até conseguem se identificar e mudam porque já conheci professores que tiveram afinidade com o curso de Libras e abandonaram a licenciatura e não saberia dizer bem o termo, mas resolveram se especializar e formar em Libras, mas é porque a pessoa tinha já feito um curso, já tinha vontade, já conheci um pouco da disciplina, eu acho que a graduação deveria integrar na grade curricular a linguagem de Libras desde o início de forma continuada até o final para garantir o aperfeiçoamento, a qualificação daquele professor que sabe que vai lidar com alunos surdos, que têm esse tipo de deficiência na escola seja ela privada ou pública.”

Questão 3: “Marcou que não se sente preparado para receber alunos surdos, mas se tivesse um intérprete de Libras em sala, sua resposta continuaria sendo NÃO? Comente.”

Respostas:

Professor 3: “Não, se tivesse intérprete melhor, mas nós temos alunos que não são totalmente surdos nem mudos e sempre tem assistência dos próprios alunos, por exemplo, no ano passado eu tive um aluno que o irmão dele estudava na sala própria sala, então ele entendia e ele falava qualquer questionamento dele, me ajudando a responder a conversar com o próprio irmão que era surdo.”

Professor 4: “Sim, como eu respondi na primeira questão, o que está faltando é justamente a convocação de profissionais que possam trabalhar e auxiliar o professor de qualquer disciplina em sala de aula isso já seria um grande passo para que nossos que tenham esse tipo de especificidade acompanhassem o trabalho do professor e não ficasse pra trás, já que a gente luta por uma escola, por uma sala inclusiva, então, que a gente disponha de instrumentalizações como um auxiliar, um tradutor de Libras para acompanhar o professor que está em sala de aula, com certeza eu já teria mudado de opinião, o aluno estaria de forma efetiva aprendendo o assunto que eu estivesse passando, então, eu falei que não, mas o posicionamento muda, seria uma grande vantagem ter um tradutor em sala de aula.”

Na escola bilíngue ACS, as três perguntas foram as mesmas para os dois professores. Questão 1: “Marcou que teve disciplina de Libras em sua formação, sobre isso, como se sente com os conhecimentos que adquiriu durante a disciplina? Comente.” Respostas:

Professor 5: “Foi bem superficial mesmo, só questão de legislação e conhecimento da área, não me lembro de ter aprendido sinais específicos, só legislação, comunidade surda e ler teóricos.”



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

Professor 6: “O conhecimento que eu tive na Universidade de libras, é aquilo que a Universidade permite trabalhar em 6 meses, e a gente sabe que para aquisição da língua é necessário mais tempo [...] é pouco tempo para desenvolver a língua para você se sentir preparado para um aluno surdo, não me sentia preparada tanto que precisei fazer os cursos para poder adquirir a língua para me comunicar com os alunos de fato e oferecer um serviço mais adequado.

Questão 2: “Em sua opinião, umas das motivações para fazer cursos de Libras ao término da graduação teve a ver com a disciplina que teve na graduação? Comente.” Respostas:

Professor 5: “De certa forma sim, me fez conhecer melhor, e acredito que isso tenha me ajudado a desmistificar um pouco o curso de Libras quando eu fui me inscrever, mas principalmente por questões de colegas meus que trabalhavam na área e aí fez eu me interessar na área também.

Professor 6: “Como eu falei, minha motivação para fazer cursos de Libras foi não me sentir preparada, caso como eu estava numa classe de surdos eu precisava ter fluência na língua. A demanda do meu trabalho me motivou a fazer o curso, aí foi quando me desenvolvi mais, claro que o próprio contato com os surdos eu fui me desenvolvendo, mas a necessidade de um curso sistematizado de língua ela faz total diferença.”

Questão 3: “Comente sobre como é se sentir preparado como professor de Português para receber alunos surdos em uma escola que é bilíngue.” Respostas:

Professor 5: “Logo quando a gente está aprendendo as questões teóricas na graduação sobre ensino de surdos a gente acredita que apenas saber a língua do surdo vai ser suficiente para a aula ser produtiva, só que muitas das vezes só ser fluente na língua deles não é suficiente, existem questões metodológicas que precisam ser revistas e respeitadas, além da individualidade do surdo, de como ele aprende que é diferente do ouvinte, é necessário além de dominar a língua do surdo, metodologias eficazes que respeitem a individualidade deles. [...] Existe além o déficit da criança surda que geralmente ingressa no ensino com atraso linguístico e isso atrasa tudo, atrasa como ele vai aprender e recebe as informações, por isso é muito importante alinhar tanto as questões metodológicas, e isso somente a prática vai do esse suporte, não é à toa que mais congressos, seminários são vistos com intuito de ensino de Língua Portuguesa como L2 porque são muitos professores querendo saber e melhorar sua metodologia de ensino. A gente sabe que cada indivíduo tem sua particularidade e nem todo surdo aprende igual, então, não só ter a questão linguística dominada, mas além disso poder pegar a língua aliadas a metodologias eficazes para esse surdo, aí podemos dizer que estaremos preparados



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

para dá uma aula em que o surdo possa realmente aprender e possa responder a esse ensino bilíngue.

Professor 6: “É complexo essa questão de se sentir preparado, eu acho que a gente tem uma preparação básica a partir de quando tem a língua, quanto a questão da metodologia precisa a todo tempo está em formação ou a gente vem com essa formação de uma especialização ou ela sendo fornecida pela secretaria e nossa busca pedagógica mesmo porque cada classe tem multiníveis e a gente precisa utilizar várias estratégias, não só os níveis têm as demandas externas do próprio surdo de quando eles vão para inclusão. Por exemplo, os alunos surdos têm necessidades básicas como nós ouvintes de escrever e ler textos, para eles tenham mais autonomia nesse universo que predomina a língua portuguesa, nem sempre eles vão ter um intérprete, então, quanto mais eles conhecerem a LP é melhor para eles. Mas eles têm uma outra demanda que são esses temas de avaliação externa, na inclusão eles vão continuar sendo avaliados por conteúdos tradicionais, isso determina um pouco o que a gente ensina. Então, a gente é pautado por essa realidade, mesmo a gente estando preparado já com uma certa bagagem eu sempre o ensino de Português para surdo desafiador, vai ter momentos que vamos nos sentir desesperados mesmo quando a gente é preparado um pouco, até porque a gente recebe muitas demandas diferentes, por exemplo, recebemos numa sala alunos não tem Libras aí é complicado, quantos alunos chegam pra gente em series avançadas e não tinha libras, então, ele está aprendendo a língua dele materna e o português é um desafio, ai você tem surdo as vezes com outras deficiências ou transtornos associados a surdez também é um desafio, é isso que eu falei eu nunca consigo me sentir em uma zona de 100% de conforto, acho que para nenhum professor isso existe, eu acho que a gente tem uma preparação básica, mas precisamos avançar, eu sinto falta de mais cursos de formação dentro de nosso horário de trabalho, alguns de nós trabalham em outra escolas, então, são outras demandas, eu sinto um pouco de falta de uma formação mais presente na escola, não só de um ensino de língua portuguesa, mas um ensino de língua portuguesa para diversos níveis de autismos, por exemplo, de DI, o que priorizar para esse aluno que está na turma dos surdos que não essa deficiência, você ter que pensar em atividades que atendam esses dois públicos, eu sinto falta de formação nesse sentido.

#### **4.3. Discussão dos dados obtidos pela entrevista**

Com a pesquisa de campo realizada, observa-se que há de fato inúmeras questões quando se trata do professor de português e o ensino do aluno surdo. Do professor 1 ao



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

professor 4 na entrevista por serem professores de escola que não bilíngues são discursos parecidos, justamente porque muito o que ocorreu na graduação de cada um se assemelha. Como já dito na introdução desta pesquisa, a formação do professor interfere muito no desempenho do aluno surdo, e comprovamos isso com as respostas dos professores sobre tais questões da formação, sabendo que apenas uma disciplina de 60h não é suficiente para o professor de português que irá atuar em sala.

Nesse sentido, apenas o básico de Libras como cita o professor 4 é complicado, principalmente porque muitas vezes é visto na graduação de forma superficial, sendo rapidamente esquecido. Facundo e Vitalino (2019) falam que o processo de formação do professor com alunos com NEE (Necessidades Educacionais Especiais) é preciso cuidado, para que não seja generalizado, como um manual de instruções, mas passar os docentes em formação uma perspectiva humanizada.

Por isso, é extremamente difícil que essa representação de professor de português, que foi investigado nesta pesquisa, seja considerada adequada ao aluno surdo, pois fica nítido que os docentes, mesmo que tenham vontade de fazer pelo próprio Governo cursos/orientações de Libras quando é disponibilizado, quase nunca conseguem encaixar em seus horários “disponíveis”, pois como qualquer outra profissão, o professor encontra em seu percurso inúmeros desafios, e esses desafios exigem uma formação que seja contínua.

Ademais, de acordo com os professores não bilíngues em suas afirmações na entrevista, a presença do profissional intérprete seria um grande auxílio já que não se sentem preparados para estar em sala para trabalhar com um aluno surdo. O professor 2 na questão 3 menciona que mesmo não se sentindo preparado, teria ajuda do intérprete e assim poderia receber mais alunos surdos. De fato, uma das questões que é pertinente é não conseguir entender a situação do professor em sala, o docente muitas vezes está receptivo em receber alunos surdos na sala de aula, apesar do receio de não se sair qualificado. Então, o intérprete de Libras é de todo modo instrumento para interseccionar o diálogo entre a cultura surda e ouvinte (STUMPF; SOFIATO; DALLAN, 2016). Sendo assim, ter esses profissionais em sala visando ajudar o aluno surdo, é uma vantagem, porém lembrando que é responsabilidade do professor de português buscar criar um espaço que seja de aprendizado, e não deixar tudo ao intérprete que terá um papel importante de mediador, mas que não ocupará o lugar do professor não bilíngue.

Os professores 5 e 6 da escola bilíngue, surpreenderam nas respostas, principalmente porque em parte se assemelha com os que os professores não bilíngues falam em suas respostas, uma delas é que a disciplina de Libras na graduação não é o bastante para um professor de



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

Língua Portuguesa. Outro ponto importante a se falar sobre as respostas dos professores bilíngues, é referente a se sentirem preparados, já que eles têm especializações em na área de Libras. No entanto, nota-se que mesmo com todo o preparo os docentes entendem que existe uma pluralidade nos alunos surdos, por isso buscam melhorar suas metodologias de acordo com a turma e a necessidade dos alunos. Não é diferente do que um professor de ensino regular faz com seus alunos, a diferença está nas especialidades de cada estudante. Assim, é preciso lembrar que a escola bilíngue para surdos não é apenas uma questão de necessidade, pois se configura como direito do aluno que é surdo (STUMPF; SOFIATO; DALLAN, 2016), e muitas vezes isso é esquecido pela escola, professor e o próprios pais de crianças e adolescentes surdos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, que se propôs a investigar a representação do professor de português de escola pública em Manaus inclusiva e não inclusiva sobre receber alunos surdos, cumpre seu objetivo de compreender as diferenças que existem nos professores. Cada um dos docentes participantes tinham uma história na educação, muitos deles com uma grade curricular antiga e que pouco atendia as necessidades de alunos surdos. Tornou difícil receber alunos surdos em sala, comparando com os professores bilíngues que trabalham diariamente com alunos surdos mostraram em suas respostas que apesar de terem domínio ainda assim é um desafio criar e estabelecer metodologias eficazes. Por isso, tanto o professor de português bilíngue quanto o não bilíngue encontram em suas realidades, mesmo que diferentes semelhanças na educação de seus alunos.

Todavia, os alunos surdos sobretudo merecem um ensino de qualidade, e para que isso aconteça os professores necessitam de uma formação que ensine a singularidade dos alunos surdos. A disciplina obrigatória de Libras precisa se tornar mais do que instruções básicas que o docente esquece em um mês. É recomendável que durante a disciplina de Libras nos cursos de graduação, o professor tenha acesso a metodologias eficazes, para que o professor possa dar suporte ao aluno surdo, e assim, talvez, não se sinta totalmente despreparado. É certo que os professores também precisam estar abertos e pensarem de forma inclusiva, se não nada adiantará cursarem a disciplina de Libras na graduação, pois o ensino jamais deve ser unilateral.

### REFERÊNCIAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. **Lei n.º 9.394**, de 20 de dez. de 1996. Estabelece as diretrizes da base da educação nacional. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 20 de dez. 1996.
- BRASIL. **Decreto 5.626**, de 22 de dez. de 2005. Regulamenta a [Lei nº 10.436](#), de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da [Lei nº 10.098](#), de 19 de dezembro de 2000. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 22 de dez. 2005.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abr. de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 24 de abr. 2002.
- CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 1, 2005.
- FACUNDO, Josiane; VITALIANO, Célia. **A disciplina de Libras na formação de professores**. Curitiba: CRV, 2019.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. São Paulo. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- JOHNSON, D. M. **Approaches to research in second language learning**. New York & London: Longman, 1992.
- MASSAN, Caroline; GOMES, Celina. Entre a cultura surda e a cultura ouvinte: desafios e papéis do intérprete de Libras/português na subjetividade do surdo. In. ROCHA, Luiz Renato. (org.). **Surdez, educação bilíngue e Libras: perspectivas atuais**. Curitiba: CRV, 2016. p. 69-86.
- MONTEIRO, M. F. C. **Representações de professores de inglês em serviço sobre a Abordagem Instrumental: um estudo de caso**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PESQUISA  
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PIBIC  
PROGRAMA DE APOIO À INICIAÇÃO CIENTÍFICA - PAIC

MONTEIRO, M. F. C. **Discurso, identidade e agentividade de professores de L2 no Parfor/AM: um estudo à luz do letramento crítico (LC)**. 2014. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

RECH, Gabriele; SELL, Fabíola. Formação do professor para a educação de surdos: o que a legislação prevê e o que as universidades oferecem. In: ROCHA, Luiz Renato. et al. (org.). **Surdez, educação bilíngue e Libras: perspectivas atuais**. Curitiba: CRV, 2016. p. 105-122.

ROCHA, Luiz Renato. et al. Panorama da educação de surdos e deficientes auditivos no Brasil: da educação básica à educação superior. In: ROCHA, Luiz Renato. (org.). **Surdez, educação bilíngue e Libras: perspectivas atuais**. Curitiba: CRV, 2016. p. 11-28.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Eds.). *Strategies of qualitative inquiry*. Londres: Sage Publications, 1998. STAKE, R. E. The art of case study. In: YAZAN, B. *Three Approaches to Case Study Methods in Education: Yin, Merriam, and Stake*. Alabama: University of Alabama, 2015, p. 134-152.

STUMPF, Marianne; SOFIATO, Cássia; DALLAN, Maria. Construindo espaço para uma escrita de língua de sinais na educação bilíngue de surdos. In: ROCHA, Luiz Renato. et al. (org.). **Surdez, educação bilíngue e Libras: perspectivas atuais**. Curitiba: CRV, 2016. p. 49-68.

VENTURA, M. M. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa**. Revista Socerj, Rio de Janeiro, 2007.

WITKOSK, Sílvia; DOUETTES, Breno B. Educação bilíngue de surdos: implicações metodológicas e curriculares. In: WITKOSK, Sílvia; FILIETAZ, Marta Rejane (org.). **Educação de surdos em debate**. Curitiba: UTFPR, 2014. p. 41-50.